

DEPOIMENTOS

António Apolinário Caetano da Silva Lourenço

Professor Auxiliar do Grupo de Estudos Românicos da Faculdade de Letras Universidade de Coimbra (FLUC). Está integrado no Grupo de Estudos Românicos e no Instituto de Estudos Espanhóis da FLUC, e é, também, investigador do Centro de Literatura Portuguesa (CLP).

Tive a sorte de ter sido aluno do Professor Carlos Reis na licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Variante de Estudos Portugueses e Espanhóis) e posteriormente no Mestrado em Literatura Portuguesa. O meu percurso académico não era propriamente convencional, já que se cruzara com a chamada Revolução dos Cravos e passara depois por uma primeira licenciatura em História na Universidade de Coimbra.

Na minha adolescência colaborara e até fundara suplementos literários juvenis e ficara-me o gosto pela publicação de textos na imprensa, mas era uma atividade que ficara interrompida. Um livro de Carlos Reis, hoje bastante esquecido, *Técnicas de Análise Textual*, proporcionou-me os instrumentos teóricos que me levariam a voltar a colaborar na imprensa escrita, escrevendo, sobretudo no *Diário de Lisboa*, no *Jornal de Letras* e no *Público*, sobre os livros que iam sendo dados a lume pelas editoras nacionais. O início dessa atividade foi coincidente com o ano em que fui aluno do Professor Carlos Reis na cadeira que este regia de Literatura Portuguesa: 1985.

Não tinha ainda concluído o mestrado quando entrei, pela mão do Professor Carlos Reis, na Faculdade de Letras. Foi o meu orientador de mestrado e doutoramento. Honrou-me, depois disso, com convites para integrar vários projetos seus, como é o

caso da coleção Cãnone, da História Crítica da Literatura Portuguesa ou do Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa.

Mas se tivesse de escolher o episódio que melhor ilustra o apreço intelectual que tenho pelo Professor Carlos Reis, regressaria ao tempo, já distante, em que fui seu aluno na licenciatura já referida, e ao prazer que me deu ter visto ser publicado um artigo meu, “De Fradique Mendes a Fernando Pessoa — a aventura interminável”, na revista *Cadernos de Literatura*, do antigo Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Embora a diretora da publicação fosse uma outra ilustre docente da Faculdade, a Professora Andrée Crabbé Rocha, para mim, que não tive a honra de ser aluno da esposa do poeta Miguel Torga, aquela era a revista de Carlos Reis. Depois desta iniciação, sempre me pareceu natural que os meus artigos ou livros fossem aceites por publicações académicas e editoras nacionais ou internacionais.

**Flavio García Queiroz
de Melo**

Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde atua na graduação em Letras – setor de Literatura Portuguesa – e nos mestrado e doutorado em Letras, na área de Estudos de Literatura – especificidades de Literatura Portuguesa e de Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Possui pós-doutorado em Ciências da Literatura (Poética), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2008), em Letras (Estudos de Literatura – Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012) e em Letras (Literatura de Língua Portuguesa), pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC, 2016). É membro colaborador do Centro de Literatura Portuguesa (CLP), junto ao Projeto Figuras da Ficção. Representa a UERJ no Acordo de Cooperação Interinstitucional firmado junto à UC.

Antes de conhecer a pessoa física Carlos Reis, nos primeiros anos deste século XXI, em suas vindas à Universidade Federal Fluminense (UFF), já o conhecia por seus trabalhos publicados, tendo chegado à sua obra através de seu estudo acerca do neo-realismo, quando eu me interessava pelo tema e me inclinava a pesquisas em torno das narrativas de Fernando Namora. De lá para cá, os contatos estreitados com seu Dicionário de Narratologia e a descoberta de O conhecimento da literatura, quando já me embrenhava pela ficção fantástica – *lato sensu* –, tornaram-no autor de textos da minha cabeceira. E a pretensão de estreitar laços crescia.

Quando, em 2011, pensamos em realizar, na UERJ, o I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional, dedicado a discutir vertentes teóricas e ficcionais, para balizar o in-sólito, nada melhor do que tensionar as discussões a partir do sólito, e Carlos Reis, estudioso por demais vinculado à estética real-naturalista e especialista em Estudos Narrativos, era nome que nos saltava aos olhos. Assim, ele veio para o Congresso inaugural, em 2012, retornou na sua segunda edição, em 2014, e vem, agora, para a terceira edição, em 2016. Tem publicado conosco, nos orientado em pesquisas, firmado parcerias diversas e estimulado o ir e vir entre o que lá e cá fazemos e pensamos.

Hoje, aquela pretensão de outrora se faz realidade viva, e só rogamos que se mantenha *ad eaternum* – invocando Vinícius de Moraes: “que não seja imortal, posto é que chama, mas que seja infinito, enquanto dure”.

Maria Eunice Moreira

Professora titular da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou estágio pós-doutoral na Fundação Biblioteca Nacional de Lisboa (2001). É Coordenadora do Curso de Especialização em Literatura Brasileira, da PUCRS, editora da revista Letras de Hoje, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, e editora da revista binacional Navegações – Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, do mesmo Programa, juntamente com Vania Pinheiro Chaves, da Universidade de Lisboa.

É membro do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa (CLEPUL) das Universidades de Lisboa.

Conheço o Professor Carlos Reis há mais ou menos vinte e cinco anos. Suas constantes vindas à PUCRS, onde colaborou para a consolidação do Programa de Pós-Graduação em Letras, teve o reconhecimento da Universidade, que lhe outorgou o título de Doutor Honoris Causa. Mais tarde, como bolsista da CAPES, na Fundação Biblioteca Nacional, em Lisboa, Carlos Reis, então diretor da instituição portuguesa, teve participação na minha qualificação profissional, como orientador do meu programa de pós-doutorado. Nesse conjunto de circunstâncias, tive a possibilidade de reconhecer nele o intelectual crítico, o pesquisador comprometido e o professor apaixonado pelo trabalho. Sua contribuição à área dos estudos literários é marcante e nela terá seu nome inscrito por sucessivas gerações.

Mas quando a profissão oportuniza também o desenvolvimento de uma amizade, alicerçada no respeito mútuo e na confiança, a combinação torna-se profícua e duradoura.

Fico feliz em me associar à justa homenagem ao Professor Doutor Carlos Reis, como colega e como amiga.

Maria Helena Santana

Professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e membro do Centro de Literatura Portuguesa (CLP). Tem-se dedicado ao estudo da literatura moderna e contemporânea, com particular incidência nos géneros narrativos e cronísticos. A história literária e cultural oitocentistas constitui a sua área de especialização.

Quando se menciona o nome do Doutor Carlos Reis, poucos terão dificuldade em reconhecer, no distinto professor da Universidade de Coimbra, um dos académicos mais prestigiados das Letras portuguesas. Basta percorrer a página da wikipédia que lhe é dedicada (já desatualizada, aliás) para vermos surgir uma vintena de títulos incontornáveis para todos os que estudam Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, em particular Estudos Queirosianos. Foi também pelos seus livros que muitos universitários em Portugal e no Brasil começaram a familiarizar-se com a Teoria da Literatura: Técnicas de Análise Textual, O Conhecimento da Literatura, sem esquecer o Dicionário de Narratologia ou os vários trabalhos dedicados à Semiótica da Ideologia.

Ao longo da sua carreira o Doutor Carlos Reis já desempenhou muitas funções institucionais, mas é a de professor que melhor o distingue, pelo rigor intelectual que sempre tem conferido ao seu trabalho, pautando-o por exigência científica verdadeiramente universitária; sabem-no, em especial, as várias gerações de estudantes que, desde os anos 1970, tiveram oportunidade de assistir às suas aulas, de investigar sob sua orientação, ou de colaborar nos muitos projetos e obras que coordenou. Como sua aluna e mais tarde como assistente, pude apreciar de perto a sua carismática docência, a que nunca falta preparação, disciplina e uma visão estimulante do ensino da Literatura.

Sobre a sua vasta produção – ensaística, patrimonial, de pedagogia e intervenção

cultural – salientarei apenas duas obras fundamentais: Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós (14 vols. publicados) e História Crítica da Literatura Portuguesa (10 vols., 4 da sua autoria); são projetos editoriais de grande dimensão, que envolvem muitas pessoas sob a sua competente e firme direção. Cumpre realçar, num meio em que o trabalho tende a ser isolado, uma das suas principais qualidades: saber congregar esforços, dinamizar equipas, incentivar jovens investigadores. Isso mesmo se verifica no projeto “Figuras da Ficção”, em que ultimamente se vem empenhando no Centro de Literatura Portuguesa, agora concretizado na edição digital do Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa.

**Maria João Albuquerque
Figueiredo Simões**

Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), onde leciona Literatura Portuguesa Contemporânea (Sécs. XIX e XX),

Cultura Portuguesa, Estudos Queirosianos. Integra a Equipa de Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. É membro da Comissão Executiva do Centro de Literatura Portuguesa (CLP).

No âmbito desta Unidade de Investigação coordenou, entre outros, a edição dos volumes *O Grotesco* (2005) e *O Fantástico* (2007). Coordena, também, o Projeto de investigação intitulado “Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária”.

Inovadores anos 70 e 80.

Reconhecido, no início da sua carreira, sobretudo como um queirosiano, Carlos Reis é hoje uma figura incontornável nas letras portuguesas por todo o trabalho realizado em prol da difusão da literatura e da cultura de um Portugal periférico ou semiperiférico e, no entanto, capaz de dar ao mundo grandes vultos literários. Este trabalho de difusão ganhou maior impacto aquando da sua passagem na Biblioteca Nacional e da sua missão enquanto Reitor da Universidade Aberta.

O que talvez seja menos conhecido é o facto de, muito antes de vir a ser Reitor desta instituição, Carlos Reis ter trabalhado, sobretudo a partir da década de 1980, no IPED — Instituto Português de Ensino à Distância, onde promoveu a criação do Ensino à Distância em Portugal, juntamente com essa grande figura, a quem a cultura portuguesa muito deve, que foi Armando Rocha Trindade. Dirigindo a Delegação Centro deste Instituto, Carlos Reis concorreu para a sua transformação na conhecida Universidade Aberta, emprestando-lhe o seu prestígio e a sua determinação. Neste Instituto desenvolveu um trabalho pioneiro, pois, aqui dirigiu uma equipa de investigadores e de colaboradores que, sob a sua dinâmica coordenação, produziu um importante conjunto de materiais de apoio ao ensino da língua, da literatura e da cultura portuguesas. Num tempo em que as Universidades, ditas “clássicas”, se esforçavam por adaptar o seu ensino, rigoroso mas elitista, à repentina e democrática afluência de alunos, o Instituto

de Ensino à Distância almejava chegar mais longe, abrindo o acesso à cultura a zonas e pessoas onde nunca ela chegaria sem os meios tecnológicos novos.

Depois de ter sido conhecido a sua capacidade de captar a atenção enquanto distinto professor, conheci no IPED a sua capacidade de organização e a sua força dinamizadora que todos quantos com ele de perto trabalham lhe reconhecem. Vanguardista no aproveitamento das potencialidades do registro áudio e vídeo, aqui concebeu e concretizou projetos extremamente inovadores, como, por exemplo, o projeto de criação de um conjunto de pequenos vídeos sobre escritores contemporâneos. Já então o seu entusiasmo era contagioso — como ainda hoje é quando se dedica a uma grande ideia. Já neste período supervisionava múltiplas dissertações, impulsionando a pesquisa de vários investigadores, clarivamente apontando caminhos e estimulando o pensamento crítico próprio. Foi, nesta altura, meu orientador de mestrado e, posteriormente, de doutoramento, sendo Eça de Queirós uma fonte inesgotável para o seu trabalho de orientador. Mas, se é conhecida a sua predileção por Eça, desde muito cedo investigou autores do século XX orientando trabalhos sobre autores contemporâneos. Dotar uma instituição de uma biblioteca atualizada era já para Carlos Reis algo prioritário — é lógico — pois o seu prolongamento na sua passagem pela direção da Biblioteca Nacional. Esta capacidade de ver a longo prazo e a capacidade de ligar a erudição às novas tecnologias, para ganho de ambas, fez de

Carlos Reis, nesta altura, um nome popular e uma figura conhecida de milhares de estudantes portugueses, sobretudo a partir do Ano Propedêutico 1978/1979. Colaborou assim para a solução da entrada democrática de alunos no ensino superior num Portugal recentemente saído da ditadura. Esta capacidade de inovação é, pois, uma marca distintiva do seu labor intelectual que, tendo em este enraizamento forte no passado, pôde continuar e continua a ser sempre fortalecida até ao presente.

Raquel Trentin Oliveira

Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Cumpriu estágio pós-doutoral sob orientação do Prof. Doutor Carlos Reis, na Universidade de Coimbra, em 2014. Colabora com o Projeto Figuras da Ficção e organizou, recentemente, em parceria com o Prof. Doutor Carlos Reis, o número 53, da Revista Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM.

Conheci pessoalmente o professor Carlos Reis numa conversa informal que tivemos após uma cativante conferência que deu na Universidade Federal de Santa Maria/RS. Nessa conversa, prometi-lhe enviar minha tese, que versa sobre romances de Eça de Queirós. Meu texto foi agraciado pela sua competente leitura e, mais ainda, pela escrita de um prefácio para o que se transformaria no livro Eça de Queirós e o espaço romanesco. A mesma receptividade e o mesmo comprometimento constatei no desenvolvimento de um projeto de pós-doutorado, realizado sob sua orientação na Universidade de Coimbra, e na sua condução das atividades do grupo Figuras da Ficção.

Desse tempo compartilhado compus o meu retrato do professor Carlos Reis como um homem extremamente generoso. O que mais me surpreende nele, além da disponibilidade para ouvir orientandos e colegas, o didatismo para seduzir alunos iniciantes, o desprendimento com que aceita os mais diversos convites e tarefas do mundo acadêmico, é a abertura para a comunidade em geral (vivi com ele e com Pillar del Rio, por exemplo, uma tardinha incrível no Jardim Botânico de Coimbra, em que um grupo bastante diversificado de pessoas leu, discutiu e ouviu textos de José Saramago) e a circulação por variados meios de comunicação e espaços digitais. A mesma generosidade, e consequente abertura para o mundo, percebo nos seus escritos, dedicados às mais sutis e complexas teorizações da literatura – tão orientadoras e úteis em nossas trajetórias docentes – mas também a assuntos políticos, sociais e até esportivos, tratados sempre com a sagacidade reflexiva que lhe é peculiar.

Silvânia Núbia Chagas

Professora adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns, onde exerce a função de Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre África e Brasil – NEAB. Tem experiência na área de Literatura, com ênfase em Teoria Literária e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, trabalhando principalmente com as seguintes temáticas: Influências das religiões africanas na literatura, relações literárias e culturais entre Brasil e África, Literatura Afro-Brasileira e Literatura e Cinema. Possui pós-doutorado em Literaturas Africanas tanto pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), quanto pela Universidade de Coimbra (UC).

Carlos Reis é um grande intelectual. O rigor científico e acadêmico, que sempre fez parte de sua trajetória, tornaram-no digno de admiração e de todas as homenagens pertinentes ao autor de uma obra que contribuiu e contribui, de maneira extremamente relevante, para os estudos literários.

Além disso, seu comprometimento, seriedade e sua generosidade propiciam sua parceria com universidades menores, colaborando, sempre que possível, com as demandas solicitadas. Foi supervisor do meu projeto de pós-doutoramento, na Universidade de Coimbra e, não somente supervisionou, mas colaborou de forma significativa, ampliando e apontando novos rumos para a pesquisa.